

TURISMO E PATRIMÔNIO HISTÓRICO DE PORTO NACIONAL/TO

DOI: 10.4025/revpercurso.v8i2.31039

Núbia Nogueira do Nascimento

Possuí Mestrado em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins- UFT e Bibliotecária- Documentalista da Universidade Federal do Tocantins Campus Porto Nacional - TO. E-mail: nascimento.nubia@hotmail.com

RESUMO: Trata de uma discussão sobre os conceitos de turismo, patrimônio cultural e cultura. Essas definições estão alicerçadas no que se denomina Patrimônio Histórico Cultural. Porto Nacional é uma cidade com origem em meados do século XVIII, às margens do Rio Tocantins. Aquele período foi marcado pelo intenso fluxo de mercadorias e pessoas devido à existência de um porto, que facilitava o transporte, na época o fluvial. A cidade teve uma visibilidade ao ser considerada como patrimônio histórico cultural no ano de 2008, após o processo de tombamento. Isso trouxe um maior reconhecimento para o Estado no que se refere à preservação do patrimônio histórico e cultural. Por meio de pesquisa bibliográfica e exploratória, foram adotados como metodologia os dez agentes de riscos propostos por Spinelli e Pedersoli (2011), bem como os tipos de turismo cultural na cidade. Objetivou-se verificar os agentes de deterioração ao patrimônio histórico e as possíveis soluções por meio de políticas públicas.

Palavras-chave: Turismo; Patrimônio Histórico; Porto Nacional/TO.

TOURISM AND HISTORICAL HERITAGE OF PORTO NACIONAL/TO

ABSTRACT: This is a study about the concepts of tourism, cultural heritage, and culture. Such definitions are founded in what is named Cultural Heritage and Historical. Porto Nacional is a city originated around eighteenth century, by the Tocantins river. That period was marked by great flow of goods and people due the existence of a port that facilitated the transportation, in that fluvial time. The city reached visibility when it was considered as Cultural Heritage and Historical in 2008 after the process of registry. This made the State well-known when it comes to preservation of the heritage. Through bibliographic and exploratory research were adopted the ten risk agents proposed by Spinelli and Pedersoli (2011) as methodology, as well as types of tourisms in the city. Thus, It was aimed check the agents of deterioration to the historical heritage and possible solutions through the public politics.

Key-words: Tourism; Historical Heritage; Porto Nacional/TO.

1 INTRODUÇÃO

Porto Nacional é uma cidade de aproximadamente 52.182 habitantes, segundo o último Censo do (IBGE, 2010). A cidade foi marcada por vários períodos históricos e várias nomenclaturas municipais: Porto Real, Porto Imperial e Porto Nacional, quando o Brasil tornou-se republicano. Várias são as mudanças ocorridas na cidade de Porto Nacional/TO e, após a emancipação da cidade em meados de 1861, houve várias alterações no estilo de vida dos cidadãos. Marca a passagem de um velho a um novo período histórico: primeiramente, com a chegada dos padres dominicanos, os quais foram os principais precursores da educação e da religião na época; depois, com o surgimento da imprensa local; em seguida, com a chegada de um médico à cidade.

Por ser uma cidade às margens do Rio Tocantins, teve um importante papel para o transporte de mercadorias e pessoas, principalmente vindos de Belém (PA). A cidade é marcada por paisagem com caráter histórico por meio da arquitetura colonial, românica e pós-moderna.

Segundo Françoise Choay (2001), sobre o patrimônio arquitetônico urbano, é possível identificar três aspectos e atribuir caráter a uma estrutura edificada chamada de monumento histórico. Nos dias atuais, o monumento passa a ter valor atribuído ao patrimônio, ao valor econômico, que consiste em valor atribuído ao bem imóvel e/ou monumento. Os monumentos, em se tratando do valor artístico e estético, têm como principal característica atrair olhares e atenção por sua forma, ou seja, são considerados bonitos. Já os monumentos em estilo românico e gótico são monumentos arquitetônicos desprovidos de beleza na sua estética.

Aqui se pode mencionar uma diferença conceitual entre o valor cognitivo ou de memória, ou seja, a diferença entre o monumento e o monumento histórico (FLORES, 1998). O termo monumento tem origem latina *monumentu*, que significa memória, escultura ou obra de admiração. Tudo aquilo que é lembrado, por meio de hábitos, ritos, costumes e valores, passando de gerações a gerações, configurando o que Milton Santos (2011) chamou de rugosidade da paisagem, são os vestígios passados agregados no presente.

Assim, pode-se perceber que tudo o que se usa, todas as obras modificadas constituem as rugosidades de espaço e tempo. Segundo Castriota (2009), “o patrimônio possui, portanto, a qualidade de configurar aquilo que chamamos de memória ou imaginários coletivos”. Para Flores

(1998), isso difere de “monumento histórico”, que é selecionado por uma sociedade entre uma malha de obras arquitetônicas e se faz representar por identidade própria de um determinado lugar, uma identidade vista pela totalidade. Em outras palavras, traduz-se aqui o centro histórico de Porto Nacional. É importante ressaltar que a ideia de patrimônio arquitetônico está diretamente ligada ao que tange ao “monumento histórico”. Nesse sentido, o monumento histórico se dá pelo princípio da seletividade. Santos (2011, p. 6) afirma que

O princípio de seletividade se dá também como princípio de hierarquia, porque todos os outros lugares são avaliados e devem se referir àqueles dotados das técnicas hegemônicas. Esse é um fenômeno novo na história das técnicas e na história dos territórios. Antes havia técnicas hegemônicas e não hegemônicas; hoje, as técnicas não hegemônicas são hegemônicas.

O autor faz uma comparação do mundo contemporâneo para o arcaico, em que as técnicas modernas e as novas tecnologias estão substituindo as técnicas rudimentares, como o modo de fazer e criar. Tornam-se explícitas a globalização e a hegemonização da cidade de Porto Nacional, se antes desconhecida, agora, após o tombamento, nacional e internacionalmente conhecida por meio da seletividade e dos meios de informação e comunicação.

A metodologia é considerada “um processo pelo qual se aplicam diferentes métodos, técnicas e materiais tanto laboratoriais como instrumentos para coleta de dados no campo” (OLIVEIRA, 2011, p. 41). Ela aborda todos os passos para a construção do trabalho científico, que vai da “escolha do procedimento para obtenção de dados, perpassando a identificação de método(s), técnica(s), materiais, instrumentos de pesquisa e definição de amostra/universo, à categorização e análise dos dados coletados” (OLIVEIRA, 2011, p. 41). Assim, o problema surge de uma indagação, um questionamento, inquietação ou mesmo algo que ainda não passou pelo crivo científico para ser analisado ou estudado, é “quando algo não está de acordo com o nosso suposto conhecimento” (FACHIN, 2003 p. 109).

O trabalho tem como proposta fazer um levantamento dos tipos de turismo existentes em Porto Nacional, bem como sua relação e o convívio nos dias atuais. Também são propostos alguns danos e riscos ao patrimônio público de Porto Nacional. Como metodologia, utilizar-se-á como referência conceitual os dez agentes de deterioração propostos por Spinelli Júnior e Pedersoli Junior (2011). Foram listados alguns riscos mais frequentes, bem como sua prevenção. O

trabalho baseia-se em pesquisa bibliográfica e exploratória, com objetivo de deixar claros os possíveis danos ao Patrimônio Público de Porto Nacional adotando tais medidas ao risco ao patrimônio público.

Ao longo do trabalho, foram observadas algumas discussões que giram em torno dos conceitos sobre cultura, turismo e turismo cultural. O estudo propõe verificar, por meio observações *in loco*, como se encontram os bem imóveis patrimonializados no centro histórico, bem como sugere algumas prevenções de risco para esse patrimônio. Após as análises conceituais e empíricas, propõe-se uma reflexão sobre os tipos de turismo existentes na cidade de Porto Nacional bem como a preservação do patrimônio histórico.

2 CULTURA EM PORTO NACIONAL

Para entender um pouco mais da cidade e dos costumes de Porto Nacional, é imprescindível conhecer algumas definições de alguns autores no que remete ao valor etimológico de cultura. Mais adiante, serão vistos alguns conceitos propostos por Laraia (2003) e Chauí (2005), que discutem etimologicamente a palavra cultura.

Para definir a cultura e os tipos de cultura, utilizaram-se os conceitos de alguns autores na área da antropologia. A primeira definição de cultura que foi formulada do ponto de vista antropológico pertence a Edward Tylor. No primeiro parágrafo de seu livro *Primitive Culture* (1871), o autor procurou demonstrar que a cultura pode ser um objeto de um estudo sistemático, pois se trata de um fenômeno natural que possui causas e regularidades, permitindo um estudo objetivo e uma análise capazes de proporcionar a formulação de leis sobre o processo cultural e a evolução (EDWARD TYLOR, 1871 [1958], parte 1, p. 1 apud LARAIA, 2003, p. 30). Nesse sentido, Laraia (2003, p. 45) complementa que

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e invenções. Estes são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade.

Nos dizeres do autor, o homem também é passível de mudança cultural com o passar dos anos, adquirindo novos hábitos e invenções. A interação face a face foi durante muito tempo o meio de comunicação mais usual. Os grupos tribais se interagiam e se comunicavam em um mesmo espaço e tempo, assim, a linguagem era o principal meio de comunicação. O aparecimento da escrita provocou transformações na forma de transmitir o conhecimento.

A invenção da imprensa por Gutenberg, em meados do século XV, e a revolução do computador, no século XX, sem dúvida foram o início para a explosão da informação e os variados tipos de mídias existentes na atualidade. Na medida em que aconteciam mudanças na informação, a sociedade, de certa maneira, sentiu necessidade de acompanhá-las, especialmente para se adequar às novas tecnologias. “Em outras palavras, não basta a natureza criar indivíduos inteligentes, isto ela faz com frequência, mas é necessário que coloque ao alcance desses indivíduos o material que lhes permita exceder a sua criatividade de uma maneira revolucionária” (LARAIA, 2003, p. 46). No caso humano, toda experiência de um indivíduo é transmitida aos demais, criando, assim, um infundável processo de acumulação. “Assim sendo, a comunicação é um processo cultural. Mais explicitamente, a linguagem humana é um produto da cultura, mas não existiria cultura se o homem não tivesse a possibilidade de desenvolver um sistema articulado de comunicação oral” (LARAIA, 2003, p. 52). Dessa forma, pode-se afirmar que

Todo comportamento humano se origina no uso de símbolos. Foi o símbolo que transformou nossos ancestrais antropóides em homens e fê-los humanos. Todas as civilizações se espalharam e perpetuaram somente pelo uso de símbolos... Toda cultura depende de símbolos. É exercício da faculdade de simbolização que cria a cultura e o uso de símbolos que torna possível a sua perpetuação. Sem o símbolo não haveria cultura e o homem seria apenas um animal, não um ser humano... O comportamento humano é o comportamento simbólico. Uma criança do gênero *Homo* torna-se humana somente quando é introduzida e participará da ordem de fenômenos superorgânicos que é a cultura. E a chave deste mundo, e o meio de participação nele, é o símbolo (LARAIA, 2003, p. 55).

Nos estudos de Laraia (2003), as teorias idealistas de cultura podem ser caracterizadas em três distintas definições. Primeiramente, a cultura é vista como um sistema cognitivo, que consiste em tudo aquilo que alguém tem de conhecer ou acreditar.

O segundo diz respeito à cultura como sistemas estruturais, ou seja, define a cultura como um sistema simbólico, sendo assim uma criação da mente. As últimas abordagens consideram a

cultura como sistemas simbólicos. “Para o nosso ponto de vista sobre a natureza do homem que se torna, assim, não apenas o produtor da cultura, mas também, num sentido especificadamente biológico, o produto da cultura” (LARAIA, 2003, p. 57).

A herança cultural, desenvolvida através de várias gerações, sempre condicionou os homens a reagir a ponto de desvalorizar o comportamento daqueles que agem fora dos padrões aceitos pela maioria da comunidade, discriminados por comportamentos destituídos (LARAIA, 2003). “Estudar a cultura é, portanto, estudar um código de símbolos partilhados pelos membros dessa cultura” (LARAIA, 2003, p. 63).

Conforme Chauí (2005), o conceito de cultura é baseado em dois significados: o primeiro baseia-se na etimologia da palavra, em que cultura vem do verbo latim *colere*, que tem o sentido de cultivar, criar, tomar conta e cuidar. Na antiguidade romana, significa o cuidado do homem com a natureza.

Também tem o sentido de “cuidado dos homens com os deuses”, em que a palavra culto refere-se aos ritos religiosos, com sua educação e formação. Nesta última concepção, “cultura era o cultivo ou a educação do espírito das crianças para tornarem-se membros excelentes ou virtuosos da sociedade pelo aperfeiçoamento e refinamento das qualidades naturais (caráter, índole, temperamento)” (CHAUI, 2005, p. 245). Ainda conforme a autora, a cultura correspondia ao que os gregos chamavam de paideia, a formação ou educação do corpo e do espírito dos membros da sociedade. No entanto,

A partir do século XVIII, cultura passa a significar os resultados e as consequências daquela formação ou educação dos seres humanos, resultados expressos em obras, feitos, ações e instituições: as técnicas e os ofícios, as artes, a religião, as ciências, a filosofia, a vida moral e a vida política ou o Estado. Torna-se sinônimo de *civilização* porque os pensadores julgavam que os resultados da formação-educação se manifestam com maior clareza e nitidez nas formas de organização da vida social e política ou na *vida civil*, pois a palavra civil vem do latim *cives*, que quer dizer "cidadão", de onde vem *civitas*, a cidade-Estado, donde *civilização* (CHAUI, 2005, p. 246, grifo da autora).

Na concepção de Chauí (2005), o conceito de cultura, mediante os exemplos anteriores, gira em torno de dois eixos explicativos: a cultura no sentido de cuidar, tomar de conta da natureza e dos deuses, ou seja, daquilo que a pessoa agrega valores a si, do que de fato valoriza,

preserva; o segundo está intimamente relacionado à educação com a formação do indivíduo. Nesse sentido, pode-se afirmar que, para Porto Nacional, a cultura está intimamente ligada à preservação dos bens materiais, assim como à fé e à religião.

Na cidade de Porto Nacional, em específico o Centro Histórico, área tombada, pode-se notar um silêncio entre os moradores, em que a grande maioria é idoso aposentado. As pessoas que residem nessa área possuem costumes de ir à Igreja Nossa Senhora das Mercês de manhã e também no preparo do jantar, no final do dia, hábitos que hoje não se encontra na família moderna. No Centro Histórico de Porto Nacional, por ser uma área tombada, mesmo com pouca atratividade, ainda assim atrai turistas para visitar alguns pontos, como a Catedral Nossa Senhora das Mercês (Figura 1), um dos atrativos mais visitados na cidade, segundo os estudos de Nascimento (2014).

3 TURISMO EM PORTO NACIONAL

A atividade turística em Porto Nacional sempre foi bem intensa em função do Rio Tocantins, pois a cidade recebia muitas pessoas de outros estados, principalmente após a construção da Catedral Nossa Senhora das Mercês, um atrativo aos fiéis católicos. O rio fazia um papel importante no que se refere ao fluxo de transportes, mercadorias e pessoas. Nos dias atuais, o rio perdeu sua importância para os cidadãos enquanto valor simbólico. Antes existia um rio natural, hoje é apenas um lago represado após a construção da Usina Luís Eduardo Magalhães (UHE) ¹.

Para Beni (2003), levando em consideração seu planejamento, o turismo pode ser dividido em atrativo ou recurso. O primeiro é a utilização turística como potencial de atração total ou parcial, caracterizado pelo fluxo significativo dos turistas bem como sua estrutura receptiva. O

¹ Com a implantação da Usina Luís Eduardo Magalhães (UHE), no ano de 2001, uma grande área foi alagada. O reservatório se estende por aproximadamente 170 km, apresentando um espelho de 630 km². O alagamento, entre outros danos, implicou o desaparecimento das praias naturais do Rio Tocantins, apesar da criação de algumas praias artificiais, enquanto medidas compensatórias (LIRA, 2010).

segundo trata-se de elemento com potencial de atração turística, que pode vir a se tornar atrativo turístico a curto, médio ou longo prazo. Nesse sentido,

Los valores y recurso culturales del conjunto histórico desbordan el significado del patrimonio arquitectónico. La valorización de la ciudad y su utilización como recurso turístico requieren dar entrada a aspectos paisagísticos y culturales. En este sentido, la diferenciación histórica em barrios y parroquias, el patrimonio residencial, los espacios libres urbanos, los restos arqueológicos, el meandro del Tago y las cornisas y fachadas de la ciudad adquieren um especial protagonismo (TROUTINÓ, 1998, p. 303).

Nos dizeres do autor, os valores e os recursos culturais estão intimamente ligados à valorização da cidade e na sua utilização como recurso turístico.

Segundo Moletta (2001), o profissional do turismo cultural deve ter uma boa leitura sobre os atrativos culturais explorados; estar em constante busca de novas informações; conhecer tecnicamente a região, realizar interpretações sobre o bem estudado e sua relação com a história; ter boa comunicação, iniciativa e empatia com o visitante; dominar a informação, transmitindo entusiasmo e motivação para o grupo e transparecer um profundo conhecimento e respeito à cultura local.

Dessa forma,

El turismo tiene um flerte protagonismo em la vida de ciudad y ello plantea, junto a uma coyuntura de relativo estanciamiento em el número de visitantes, um importante desafio: superar la fase meramente proporcional de lá gestión turística y afrontar el reto de ordenar el turismo em la ciudad y regular el flujo de visitantes. La integración de esta poderosa atividade em la vida de la ciudad debe realizarse em base a uma realidade urbana viva y multifuncional. Los circuitos y rutas turísticas deben diseñarse para que la visita se configure como uma nueva fórmula de práctica cultural (TROUTINÓ, 1998, p. 324).

De acordo com o autor, o turismo tem um papel forte na cidade, pois quando os turistas são bem recepcionados a tendência do retorno desse turista à cidade é grande, favorecendo a circulação de produtos e serviços, aumentando sua visibilidade econômica. É preciso que haja gestão do turismo para controlar a quantidade guias de turismo, o conhecimento expresso nas informações passadas aos turistas, fluxo de visitantes, faixa etária, localidade entre outras especificações.

3.1 TURISMO CULTURAL EM PORTO NACIONAL

Há várias definições sobre turismo cultural, desde hábitos, costumes, crenças valores simbólicos e materiais, manifestações artísticas culturais e/ou intelectuais. O turismo cultural surge da necessidade de pessoas, seja profissional ou mesmo intelectual, de demonstrar interesse em conhecer ou mesmo em pertencer a outros grupos, comunidades e etnias.

De acordo com o Ministério do Turismo (2010), o turismo cultural compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura. O turismo cultural pode ser subdividido conforme se expõe a seguir.

Quadro 1 : Tipos de turismo cultural e suas características

Tipo de Turismo	Característica	Exemplo em Porto Nacional-TO
Turismo cívico	Destina-se àqueles que participam de eventos cívicos retratando a memória e a história do local.	Catedral Nossa Senhora das Mercês e o Museu Histórico de Porto Nacional (Semana do Museu no dia 18 de maio).
Turismo religioso	Característica comum em que os fiéis participam dos festejos romarias, novenas entre outros assuntos diretamente ligados à religião.	Festa em comemoração à Padroeira Nossa Senhora das Mercês, de 15 a 24 de setembro.
Turismo místico e esotérico	Caracteriza-se pela busca do seu autoconhecimento e espiritualidade, levando em consideração crenças, ritos e misticismo.	-
Turismo étnico	Advém do significado de etnia composta pela gênese, cultura e práticas. Nessa categoria, podem-se mencionar as comunidades representativas dos processos imigratórios, como os indígenas quilombolas e outros grupos sociais.	-

Turismo cinematográfico	A história é apresentada por meio de imagem audiovisual (filmes). Segundo o Ministério do Turismo, esse segmento pode aumentar significativamente o fluxo de turistas devido à imagem que é transmitida por um grande número de pessoas, o lugar, então, torna-se atrativo.	Pode-se destacar o filme “Deus é Brasileiro” (2003), em que algumas cenas foram gravadas na cidade de Porto Nacional/TO. Aqui pode-se citar um marco na paisagem. Na época em que o filme foi gravado, o Rio Tocantins já havia sido modificado para o Reservatório Luis Eduardo Magalhães (UHE).
Turismo arqueológico	Pode ser entendido como uma relação entre a cultura e a arqueologia, que tem como principal objeto de análise os sítios arqueológicos.	Núcleo Tocantinense de Arqueologia (NUTA).
Turismo gastronômico	São movidos por comidas típicas da região ou do lugar.	Restaurante típico da cidade: Flutuante Mãe Maria III.
Enoturismo	Destina-se àqueles que adoram conhecer e degustar os mais variados vinhos.	-
Turismo ferroviário	Destina-se aos passeios sobre trilhos.	-

Fonte: BRASIL, 2010.

Nota: Adaptado por Núbia Nascimento, 2014.

Na primeira coluna, caracterizam-se os tipos de turismo existentes de acordo com o Ministério do Turismo. A segunda coluna traz a nomenclatura de tipos de turismos citados na primeira coluna. Na terceira coluna, está exemplificado o tipo de turismo que se pode encontrar na cidade de Porto Nacional e suas características.

Dos tipos de turismo cultural, mencionados anteriormente, pode-se destacar que a Catedral Nossa Senhora das Mercês e o Museu Histórico de Porto Nacional estão intimamente ligados ao turismo cívico e religioso devidos aos tipos de manifestações que são realizadas para cada um em específico. “Assim, os museus se constituem nos primeiros atrativos a serem procurados pelos visitantes de uma localidade” (IGNARRA, 1999, p. 120). Também se pode mencionar o turismo cinematográfico, como o filme Deus é Brasileiro (2003), em que algumas cenas foram gravadas na cidade, no centro histórico, tornando nacionalmente conhecida. Ainda pode-se citar o turismo arqueológico e o turismo gastronômico. O primeiro por possuir um núcleo

de arqueologia (NUTA)², em que são desenvolvidas pesquisas e estudos da área da arqueologia, antropologia e áreas afins. O segundo por possuir restaurantes tradicionais com comidas típicas da região.

Para conhecer a história local, é preciso primeiramente fazer uma pesquisa exploratória nos arquivos, centros de informação e/ou unidade de informações, os quais possam fornecer documentos que comprovem a memória local. Pelegrini e Funari (2008, p. 31) acreditam que

A valorização do patrimônio imaterial na atualidade advém, portanto, das alterações sofridas pelas acepções do conceito de cultura e patrimônio. Ela está articulada às transformações das formas de convívio social e aos padrões culturais que regem a existência humana. A própria dinâmica cultural expressa nos movimentos que deram origem à discussão sobre a necessidade de salvaguarda do patrimônio imaterial e à historicidade dos conceitos que a envolvem explicitam o reconhecimento de que o patrimônio materializa as mais diversas formas de cultura e que, portanto, se constitui em mais uma esfera de embates sociais.

Os Bens Culturais podem ser considerados como

[...] bens culturais de valor histórico, artístico, científico, simbólico, passíveis de se tornarem atrações turísticas: arquivos, edificações, conjuntos urbanísticos, sítios arqueológicos, ruínas, museus e outros espaços destinados à apresentação ou contemplação de bens materiais e imateriais, manifestações como música, gastronomia, artes visuais e cênicas, festas e celebrações (BRASIL, 2006, p. 17).

Nesse sentido, nota-se que a percepção da herança imaterial torna-se fundamental para a integração da população com suas próprias condições de existência, com a natureza e o meio ambiente. Essas relações se manifestam por intermédio de “cerimônias, linguagens do povo materializadas em atividades artesanais e produções artísticas ou literárias, canções, festas,

² O Núcleo de Arqueologia coordena, desenvolve, orienta e executam estudos e pesquisas na área específica de Arqueologia, na área de Patrimônio Histórico Cultural e Natural e na área de Paleontologia, tendo como apoio técnico/científico as áreas de Antropologia, História, Educação, as ciências do Meio Ambiente (Geografia e Biologia) entre outras áreas afins. Disponível em: <<https://www.unitins.br/nuta/>>.

receitas culinárias e saberes medicinais, entre outras manifestações sociais ou coletivas” (PELEGRINI, 2006, p. 122). Importante observar que

Estima-se que a atividade turística se deu desde os antepassados em que o homem, nômade, deslocava-se sempre de um local para outro, por vontade ou mesmo anseio em conhecer outros *habitats*. Esse deslocamento, com o tempo se tornaram mais sofisticados, hoje esse chamado de “turismo”, no qual este possuem alguns serviços essenciais como alimentação, transporte, hospedagem, agenciamento turístico entre outros. Assim, “toda viagem turística é uma experiência cultural”, devido às vivências e experiências do lugar no qual está localizado, “mas nem todo turista é um turista cultural” (BRASIL, 2010, p. 13, grifo do autor).

O que define o turismo cultural é a motivação da viagem em torno de temas sobre a cultura. Nessa linha de raciocínio, o turismo cultural “compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura” (BRASIL, 2006, p. 15). De acordo com Bonink e Richards (1992, apud PÉREZ, 2009), as duas abordagens a seguir são fundamentais para entender o turismo cultural:

- a) a perspectiva dos lugares e dos monumentos: implica descrever os tipos de atrações visitadas e pensar a cultura como um simples produto. Este verifica o ponto de vista da estratégia de investigação a seguir, esta seria fundamentalmente quantitativa e focaria as atividades e as motivações dos turistas culturais;
- b) a perspectiva conceitual: questiona os porquês e como as pessoas veem e praticam turismo cultural. Observam-se mais os sentidos, as práticas discursivas, os significados e as experiências. Assim, o importante seriam os princípios e as formas de fazer turismo e não tanto os produtos.

Smith (1992, apud SANTANA TALAVERA, 2003, p. 36-37, tradução nossa) traz outra definição de Turismo Cultural:

Turismo cultural e histórico é o momento em que cobre a construção da tipologia desde o ‘pitoresco’ e o ‘calor local’, os vestígios de uma vida em processo de extinção até os circuitos de ruínas, monumentos e museus, podendo incluir cidades e espaços de onde se desenvolvem os acontecimentos. Nesta mesma linha de raciocínio do ICOMOS (Internacional Council of Sites and Monuments - Conselho Internacional dos Sítios e Monumentos), define o turismo cultural, seguindo as diretrizes da WTO (World Tourism Organization -

Organização Mundial do Turismo), como um movimento de pessoas essencialmente por uma motivação cultural, tal como viagens de estudos, representações artísticas, festivais e outros eventos culturais, visitas a lugares e monumentos, folclore e a arte da peregrinação.

Seja o turismo cultural – com objetivo de conhecer a história, os monumentos, as obras e outros bens que a cidade oferece –, bem como o turismo de lazer – com objetivo de desfrutar dos recursos e das atratividades oferecidos pela localidade –, todos, direta ou indiretamente, contribuem para o reconhecimento e a valorização da cidade no todo.

3.2 PORTO NACIONAL E OS BENS MATERIAIS

Conforme Reis (1984), sob a orientação técnica do Frei Bartolomeu (Frei Berto), a pedra fundamental da Catedral foi implantada em sete de maio de 1894, iniciando sua construção, que se concluiu em 1903, levando nove anos no total. Na construção, todos os tijolos foram pagos com verba enviada pela Ordem dos Dominicanos Franceses, mas houve também participações espontâneas (na maioria sem lucro) dos padres e pessoas de todas as classes sociais.

A participação da população portuense se deu de forma voluntária para ajudar na construção da Catedral, enquanto os homens se preocupavam no transporte de materiais, nas pedreiras e na devastação de árvores. Ainda segundo a autora, as mulheres carregavam alguns materiais, como telhas e tijolos da beira do rio até o local da obra, com uma distância média de aproximadamente 3 km. Algumas alterações foram feitas desde sua construção, como a instalação de energia elétrica e substituição das janelas de tecidos por janelas de vidro colorido, trazidos de Belém-PA.

O forro em madeira foi feito no ano de 1975, e 1980 foram instalados ventiladores e aparelhagem de som. A decoração da Catedral Nossa Senhora das Mercês (Figura 1) foi feita com mobiliário de fabricação dos próprios marceneiros da cidade, pois naquela época as condições econômicas e sociais de Porto Nacional eram precárias, e havia necessidade de uma gerência atuante e decisiva de um governo local mais disposto e capaz de disciplinar a vida pública da sociedade (REIS, 1984).

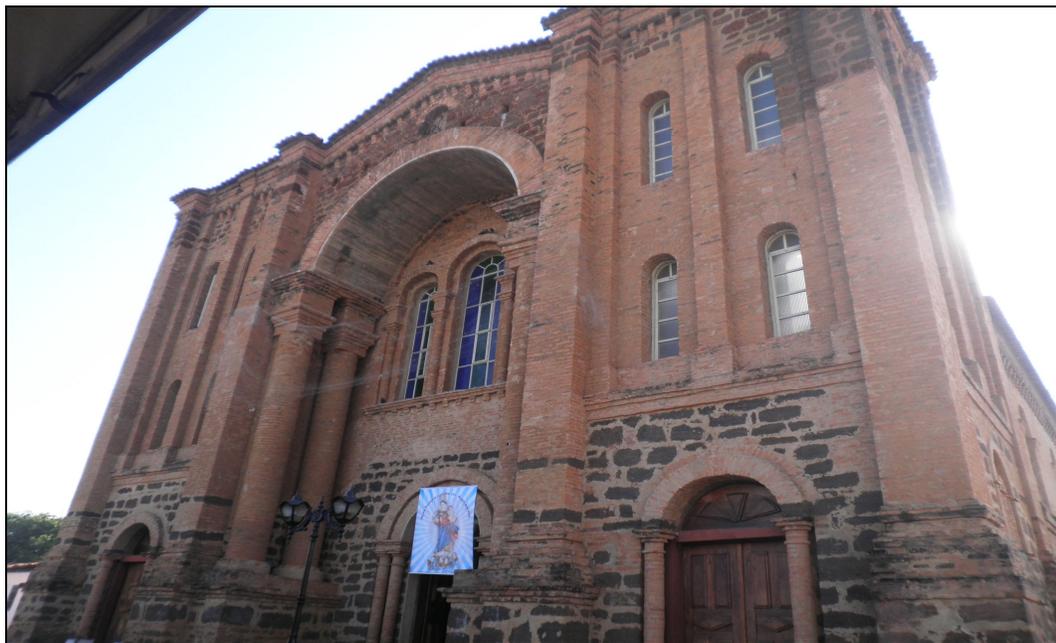


Figura 1: Catedral Nossa Senhora das Mercês – Porto Nacional-TO
Fonte: Nascimento, 2014.

A Catedral Nossa Senhora das Mercês está situada no mesmo local da antiga capela de Nossa Senhora das Mercês. “Os projetos ou desenhos arquitetônicos originais nada se sabe além da existência (na época da construção) de uma miniatura e maquete da obra de origem francesa trazida pelos padres” (REIS, 1984, p. 21).

No arquivo religioso da Mitra Diocesana, encontra-se um documento que descreve a imagem do Bom Jesus do Pontal, citando a hipótese de ser autoria da obra de Antônio Francisco Lisboa (1774), Aleijadinho. Essa informação encontra-se em um documento sobre a imagem histórica existente na Matriz de Nossa Senhora das Mercês, na cidade de Porto Nacional/TO. O Engenheiro Joaquim Aires da Silva menciona que a imagem existente deve ter sido executada pelo Aleijadinho, provavelmente, na década de 1770 (BALSAN; NASCIMENTO, 2012).

A Catedral Nossa Senhora das Mercês, considerada um dos principais monumentos da cidade, atrai turistas e/ou excursionistas de várias cidades, estados ou mesmo países, nela está intimamente ligada

A expressão designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum: obras e obras-primas das belas-artes e das artes-aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e *savoir-faire* dos seres humanos (CHOAY, 2001. p. 11).

Sabe-se que os Centros Históricos são o resultado do desenvolvimento das cidades através do tempo e onde foram sendo acumuladas as diversas etapas do seu crescimento, estagnação ou decadência. A cada época, foram sendo articulados os estilos arquitetônicos, as intervenções, as destruições, as ruínas, as construções e as modificações dos espaços arquitetônicos e urbanos. Algumas cidades deixam ver todo o dinamismo desse processo, assim, as etapas ajudam a definir o que hoje se encara como Centro Histórico (IPHAN, 2007).

Segundo informações do Iphan (2011), o centro histórico é um conjunto de ruas, largas e praças, casario, monumentos e paisagem urbana, construídos até a década de 1960, antes da industrialização e dos processos construtivos, como as práticas de planejamento desenvolvimentista. Práticas e processos que provocaram profundas transformações na maioria das cidades em todo o mundo. Esse fenômeno está intimamente ligado ao desenvolvimento do capitalismo e do automóvel como meio preferencial de transporte. Assim, Troitinõ (1998, p. 313) afirma que

El centro histórico continua siendo un espacio multifuncional donde conviven actividades administrativas, culturales, religiosas, educativas, comerciales, residenciales, financieras y turísticas. El sector turístico está reforzando su presencia pero, por sus múltiples implicaciones, no resulta fácil evaluar su significación real.

Em Porto Nacional, percebem-se essas características mencionadas pelo autor quando se está no centro histórico, caracterizado por um cenário harmonioso, composto por: uma praça, Nossa Senhora das Mercês, a igreja Catedral Nossa Senhora das Mercês, ruas largas e casarios em estilo colonial ou anterior à década de 60, o que torna um ponto de encontro da população.

A Rua Mizael Pereira, em pleno centro histórico, é toda ornamentada com vasos de plantas produzidos na cidade. Tem-se o artesanato de barro e palha; a dança folclórica, Súcia, típica do estado, o Festival do Riso e da Canção, o Clube dos Violeiros, os Tambores do Tocantins; as quermesses da novena de Nossa Senhora das Mercês, que durante nove dias no mês

de setembro enchem a praça da Catedral para animadas rifas, apresentações de músicos, canções, danças, conversas, piadas e causos (IPHAN, 2007). Também podem ser acrescentados os enfeites, como presépios na época de Natal, que atraem os cidadãos para visitar.

3.3 PREVENÇÃO DE RISCO EM ÁREAS DE PRESERVAÇÃO DO CENTRO HISTÓRICO

Segundo a norma técnica australiana e neozelandesa de gerenciamento de riscos, AS/NZS 4360:2004, citado por Spinelli Júnior e Pedersoli Junior (2011), o termo “risco” pode ser definido como a chance de algo acontecer causando um impacto sobre objetos.

Alguns lugares considerados pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) como patrimônio natural e cultural da humanidade se encontram ameaçados ou em risco de desaparecimento por motivos relacionados a guerras e conflitos políticos; questões étnicas e religiosas; tráfico ilícito e negligência; alterações decorrentes de catástrofes naturais; contaminação pelo turismo massivo e mal organizado; expansão dos centros urbanos e falta de recursos financeiros para protegê-los (ZANIRATO, 2010).

Uma das várias recomendações que se deve ter com os bens materiais é a preservação. “Preservar para não restaurar!”, pois se devem tomar alguns cuidados para que haja durabilidade do bem material/monumento em longo prazo. Para alcançar esse propósito, pode-se considerar fundamental a disseminação de informações capazes de sensibilizar gestores públicos, setores privados e cidadãos em geral a respeito dos bens culturais que constituem o patrimônio de Porto Nacional, que podem vir a desaparecer com o tempo por omissão das devidas recomendações de preservação e conservação. As informações disseminadas possibilitariam:

- a) assegurar que a redução de risco de desastres venha a ser uma prioridade local e nacional e que ela conte com o apoio institucional nos âmbitos globais, nacionais, regionais e locais;
- b) identificar, avaliar, monitorar os riscos de desastres e alertar antecipadamente os perigos que se colocam aos lugares que são patrimônio mundial;
- c) utilizar o conhecimento, a inovação e a educação para a construção de uma cultura de planejamento de desastres, segurança e resiliência dos lugares que são patrimônio mundial;
- d) reduzir os fatores subjacentes aos riscos;

e) reforçar a preparação para as catástrofes em lugares que são patrimônio mundial de modo a se obter uma resposta eficaz em todos os níveis (UNESCO, 2006, p. 36 apud ZANIRATO, 2010, p. 153).

Para que os riscos sejam identificados de forma sistemática e abrangente, ou seja, para que nenhum (tipo de) risco seja negligenciado, utilizou-se a ferramenta conceitual dos “10 agentes de deterioração”, que facilitam a identificação de riscos, ao interagirem fisicamente com o patrimônio da instituição e podem causar graves danos e perdas, representando, por isso, situações de perigo. Esses agentes são apresentados a seguir, conforme demonstram Spinelli Júnior e Pedersoli Junior (2011).

Quadro 2: Os principais agentes de deterioração ao bem material

Agentes de deterioração danos ao patrimônio	Consequências	Riscos visíveis no centro histórico de Porto Nacional-TO
Forças físicas	Podem danificar o patrimônio cultural por meio de choque, vibração, tensão, compressão e fricção, causando colapso, quebra, perfurações, deformação, rasgos, abrasão, e outros.	A rua ao sul da Catedral Nossa Senhora das Mercês, Rua Padre Antônio – interditada em 2012, devido o alto índice de carros pesados (ver figura 2).
Os atos criminosos de furto, roubo ou vandalismo, cometidos por indivíduos externos ou internos à instituição.	Acarretam a perda total, destruição ou desfiguração de itens e elementos patrimoniais.	-
Riscos de incêndio devido a deficiências na prevenção, detecção e contenção de incêndios.	Fatores como a falta de manutenção preventiva em edificações e equipamentos, a natureza dos acervos (materiais altamente combustíveis) e dos edifícios (sem compartimentação e, muitas vezes, construídos em madeira), a falta de sistemas de detecção e supressão automática de incêndios e a falta de capacitação de funcionários para responder em caso de (princípio de) incêndio contribuem para esse risco. Os incêndios podem ser de pequenas proporções até a queima total do edifício e dos materiais existentes em seu interior.	O centro histórico torna-se omissivo quando se trata de segurança e prevenção de riscos. Não existem equipamentos e nem pessoas capacitadas para prevenção de incêndio.
Interação da água.	Conforme a composição, podem	-

	causar danos com a desintegração, deformação, dissolução, manchas, mofo, enfraquecimento, eflorescência e corrosão. Há inúmeras fontes de água (internas e externas ao monumento, naturais e tecnológicas) e diferentes mecanismos pelos quais ela pode atingir.	
O conceito de pragas engloba os organismos vivos capazes de desfigurar, danificar e destruir o patrimônio cultural.	Podem-se incluir insetos, roedores, aves e morcegos. Em decorrência de suas atividades de alimentação, excreção, reprodução e abrigo, a interação das pragas com os materiais do patrimônio podem causar perfurações, perdas de partes, enfraquecimento estrutural, sujidades, manchas entre outros.	-
Substâncias poluentes (os gases, aerossóis, líquidos ou sólidos, de origem natural ou antropogênica).	Afetam negativamente as coleções e outros elementos patrimoniais por meio de reações químicas ou formação de depósitos, causando corrosão, enfraquecimento, alterações estéticas etc.	-
Radiação ultravioleta (UV) e a radiação infravermelha (IR) provenientes do sol e de fontes elétricas (lâmpadas) e a luz (radiação visível).	A luz provoca o esmaecimento de cores a partir de reações fotoquímicas; a velocidade do esmaecimento depende da sensibilidade do material e da dose de luz recebida.	-
Temperaturas elevadas ou baixas.	As temperaturas elevadas acarretam danos químicos (acelerando as diferentes reações de degradação), físicos (deformações, ressecamento, fraturas, derretimento, resultantes do aquecimento de materiais) e biológicos (favorecendo o desenvolvimento de micro-organismos e o metabolismo de certos tipos de pragas).	-
Umidade relativa incorreta, umidades relativas muito elevadas, muito baixas, ou com flutuações de grande amplitude.	As umidades relativas elevadas favorecem o desenvolvimento de micro-organismos (mofo) em substratos orgânicos, reações químicas de degradação hidrolítica de materiais orgânicos e corrosão de metais, condensação em	-

	superfícies, migração de substâncias solúveis em água etc.	
A dissociação refere-se à desorganização de sistemas que envolvem a perda de objetos dentro da instituição, a perda de dados e informações referentes, ou a perda da capacidade de recuperar ou associar objetos e informações.	As causas de dissociação são a inexistência de cópias de segurança (<i>backups</i>) de registros informativos referentes às coleções (inventários etc.) em caso de sinistro; erros ao se registrar informações sobre o objeto; obsolescência de <i>hardware</i> para o acesso de registros legíveis por máquinas etc.	Para esse momento, torna-se importante mencionar o não armazenamento da documentação no que se refere à história da cidade de Porto Nacional e do centro histórico, impossibilitando, na maioria das vezes, a reprodução do conhecimento por falta de registros documentais.

Fonte: Spinelli Júnior e Pedersoli Junior, 2011.

Nota: Adaptado por Núbia Nascimento, 2014.

Dos agentes de deterioração ao bem material e/ou monumento visto no quadro acima, os que mais se destacam no Centro Histórico são as forças físicas e os atos criminosos, furto e roubo. As forças físicas podem acarretar em sérios problemas de pequena ou grande dimensão, pois estão diretamente vinculados às falhas estruturais, colisões entre outros. No Centro Histórico, a Rua ao sul da Catedral Nossa Senhora das Mercês, Rua Padre Antônio, foi interditada em 2012, com objetivo de evitar a circulação de automóveis pesados para não causar danos maiores como desabamento.

Como se pode observar na Figura 2, há uma placa de regulamentação proibindo a passagem de carros pesados na Rua Padre Antônio. É importante ressaltar que esses agentes, além de causar danos ao patrimônio, ocasionam diversas consequências, como: vibrações nos imóveis, rachaduras e desmoronamento dos imóveis patrimonializados.



Figura 2: Placa de regulamentação no centro histórico

Fonte: Nascimento, 2014.

Quanto ao segundo item, atos criminosos, além de causar danos financeiros e valor simbólico interno à instituição, também podem ser cometidos externamente por falta de segurança, acarretando sérios problemas. O perigo e o risco a que o turista se expõe tornam-se uma ameaça, sendo este um alvo fácil para delinquentes no centro histórico.

A ausência de segurança pode causar a redução dos turistas à cidade, e o que era lazer e entretenimento pode causar repulsão. Para prevenção de risco do Centro Histórico de Porto Nacional, é interessante fazer uma análise prévia e um diagnóstico dos fatores internos e externos, bem como verificar as condições físicas e/ou naturais presentes no bem patrimonial, assim, pode-se minimizar os possíveis danos.

Corroboramos com Costa e Steinke (2013, p. 213), quando cita cinco fatores de risco ao Patrimônio:

- a) desenvolvimento e infraestrutura: habitat e desenvolvimento / infraestrutura de transporte / obras de grande escala ou infraestrutura de serviços / poluição / utilização de recursos materiais;
- b) outras atividades humanas: utilização/modificação dos recursos biológicos / utilização societal /cultural do patrimônio / outras atividades humanas / espécies transportadas ou geneticamente modificadas;
- c) catástrofes naturais e desastres: condições locais que afetam o tecido físico / clima e eventos meteorológicos importantes / eventos ecológicos ou geológicos súbitos / espécies exóticas hiperabundantes;

- d) problemas jurídicos e de gestão: gestão e fatores institucionais;
- e) outros fatores: riscos de desabamento ou deterioração de edifícios construídos / problemas de estabilidade de estruturas etc.

Dos cinco fatores de risco citados anteriormente, podemos mencionar que o centro histórico de Porto Nacional-TO está vulnerável a sofrer degradações por meio de ações humanas. É importante que haja preocupação com os possíveis danos para resguardar e preservar o Patrimônio Cultural. O que podemos notar com as falas de alguns moradores³ da poligonal de tombamento do centro histórico: “[...] depois da construção do lago, minha casa começou a aparecer várias rachaduras”.

Já outro entrevistado afirma que: “os gestores públicos tinham que providenciar mais quebra molas, pois os carros pesados passam em alta velocidade e as casa começam a estremecer”. Enquanto outro diz que: “ano passado o Iphan esteve em minha casa com intenção de pintar a fachada, mas fizeram umas medições e as pinturas até hoje não aconteceram”. Este último fato notamos nos dias atuais, pois várias cores estão estampadas nas fachadas e ao entorno do Centro histórico descaracterizando sua paisagem original.

Presenciamos as rugosidades definidas por Santos (2012) como formas isoladas ou em arranjo, que ficam do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares.

Milton Santos (2012) conceitua rugosidade como feições de um tempo anterior que se mantêm. Na perspectiva de ressignificação de cidades antigas, para Costa (2012), a chamada dialética da construção destrutiva é uma contradição entre a “preservação” e a mercantilização, a busca da democratização e do patrimônio urbano. Assim, remete à universalidade do apoderamento mercantil e simbólico do patrimônio para o desenvolvimento de atividades que agregam as novas economias urbanas e que tem na valorização o paisagístico cultural. “O patrimônio nessa transição vem servindo à construção de novas redes de lugares materializadas pelas possibilidades do capital financeiro global” (COSTA; SCARLATO, 2012, p. 104).

³ Falas obtidas nas entrevistas realizadas no centro histórico com os moradores da poligonal de tombamento.

4 CONCLUSÃO

A cidade de Porto Nacional-TO tem um valor simbólico para os cidadãos e também aos turistas e/ou excursionistas, principalmente após o seu tombamento no ano de 2008, quando a cidade passou a ser reconhecida nacionalmente.

Por meio de divulgação e informação, atualmente a cidade conta com o Roteiro Turístico, uma parceria da Universidade Federal do Tocantins com auxílio de professores e alunos com boa vontade em contar um pouco mais do processo histórico da cidade e os principais marcos. De forma voluntária, este projeto tem a finalidade de apresentar ao turista um pouco da cidade de Porto Nacional e alguns pontos mais simbólicos e, conseqüentemente, mais visitados, como: Catedral Nossa Senhora das Mercês, os casarões dos Maias, Aires e Rosa, Museu Histórico e cultural, bem como algumas ruas que tiveram um papel importante, em que aconteciam as manifestações culturais entre outros atrativos presentes no Centro Histórico.

Ainda há falta de políticas públicas com regulamentações para a preservação dos bens materiais expostos na cidade de Porto Nacional. Além da prática do turismo existir, há uma desvalorização quanto às pessoas instruídas para serem guias ou mais ações da Secretaria de Turismo contando com horários fixos para que o turismo na cidade seja algo constante e não apenas temporário.

Esta apresentação traz de forma geral e sintetizada o valor simbólico que cada imóvel representa na e para a cidade. Deveria existir uma política municipal para segurança no centro histórico, pois o aumento de visitantes se torna constante, garantindo a integridade física não apenas do turista como do morador, preservação e/ou restauração do imóvel, bem como a qualificação dos guias de turismo para serem capacitados a receberem bem o turista.

Porto Nacional, por ser uma cidade patrimonializada, atrai consideravelmente turistas, excursionistas e/ou visitantes por pontos estrategicamente escolhidos, seja pelo valor simbólico, ou mesmo pela mídia por evidenciar ou mesmo publicizar mais determinador pontos do que outros. A prática do turismo vai além das visitas recebidas e/ou guiadas. O turismo cultural proporciona o conhecimento cultural e regional, como costumes, hábitos e crenças. Temos de reconhecer que a cidade merece um olhar especial, pois se trata do Patrimônio Histórico Nacional que está sendo demasiadamente esquecido pelas políticas públicas municipais.

REFERÊNCIAS

BENI, Mario Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 8. ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2003.

BALSAN, Rosane; NASCIMENTO, Núbia Nogueira do. Possibilidades e/ou entraves do desenvolvimento do turismo cultural em Porto Nacional - TO. In: SEMINÁRIO NACIONAL E SEMINÁRIO INTERNACIONAL: O PAPEL DO GEÓGRAFO NO CONTEXTO SOCIAL ATUAL, 3., 2012, Natal. **Anais...** Natal, RN: UFRN, 2012. p. 1023-1032. 1 CD-ROM.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Segmentação do turismo: marcos conceituais**. Brasília, DF: Ministério do Turismo, 2006.

_____. Ministério do Turismo. **Turismo cultural: orientações básicas**. 3. ed. Brasília, DF: Ministério do Turismo, 2010.

CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2005.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: UNESP, 2001.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. **Patrimônio cultural: conceitos, políticas, instrumentos**. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: IEDS, 2009.

COSTA; Everaldo Batista da. Patrimônio e território urbano em cartas patrimoniais do século XX. **Finisterra**, Lisboa, v. 47, n. 93, 2012, p. 5-28. Disponível em: <http://www.ceg.ul.pt/finisterra/numeros/2012-93/93_01.pdf>. Acesso em: 2 nov. 2012.

COSTA; Everaldo Batista da; SCARLATO, Francisco Capuano. Patrimônio da humanidade: universalismo de um aponderamento territorial soberano. In: COSTA, Everaldo Batista da; BRUSADIN, Leandro Benedini; PIRES, Maria do Carmo (Orgs.). **Valor patrimonial e turismo: limiar entre a história, território e poder**. São Paulo: Outras Expressões, 2012.

COSTA, Everaldo Batista da; STEINKE, Valdir Adilson. Riscos ao patrimônio mundial motor de desenvolvimento: desígnios à cultura e à natureza. **Revista do Departamento de Geografia – USP**, São Paulo, v. 25, p. 200-230. 2013. Disponível em: <<http://citrus.uspnet.usp.br/rdg/ojs/index.php/rdg/article/view/402/503>>. Acesso em: 3 nov. 2015.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

FLORES, Joaquim de Moura. **“Patrimônio”**: do monumento ao território. Porto: [s.n.], 1998. p.11-17. Disponível em: <https://www.academia.edu/799942/Patrimonio._Do_monumento_ao_territorio>. Acesso em: 10 mar. 2015.

GARCÍA MARCHANTE, J. S. TROITIÑO VINUESA, M.A. Vivir las ciudades históricas: Recuperación integrada y dinámica funcional. **Cuenca**: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha y Fundación “La Caixa”, 1998, p. 267.

IBGE. **Tocantins**: Porto Nacional, 2010. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=171820>>. Acesso em: 18 jan. 2016.

IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do turismo**. São Paulo: Pioneira, 1999.

IPHAN. **Dossiê de tombamento do centro histórico de Porto Nacional - TO**: Centro Histórico de Porto Nacional, notícia história. 2007.

_____. **Normatização de cidades históricas**: orientações para a elaboração de diretrizes e normas de preservação para áreas urbanas tombadas. Brasília, DF: Iphan, 2011. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=2375>>. Acesso em: 1 ago. 2013.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 16. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

MOLETTA, V.F. **Turismo cultural**. 3. ed. Porto Alegre: Sebrae, RS 2001.

NASCIMENTO, Núbia Nogueira do. **Turismo cultural e a patrimonialização do Polígono de Tombamento do Centro Histórico de Porto Nacional-TO**. 2014. 222f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2014.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer projetos, relatórios, monografias, dissertações e teses**. 5. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

PELEGRINI, Sandra C. A. Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental. **Rev. Bras. Hist.** 2006, v. 26, n. 51, p. 115-140.

PELEGRINI, Sandra C.A.; FUNARI, Pedro Paulo A. **O que é patrimônio cultural imaterial**. São Paulo: Brasiliense, 2008. (Coleção primeiros passos; 331).

PEREZ, Xerardo Pereiro. **Turismo cultural**: uma visão antropológica. n. 2. Espanha: RTPC, 2009, 307 p. (Coleção pasos). Disponível em: <<http://www.pasosonline.org/Publicados/pasosoeedita/PSEedita2.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2015.

REIS, Regina Augusta. **A Catedral de Porto Nacional**. Goiânia: T.H.-9, 1984.

ROTEIRO Geo-turístico: centro histórico de Porto Nacional. Porto Nacional: UFT, 2014. 1 folder ilustrativo.

SANTANA TALAVERA, Agustín. Turismo cultural, culturas turísticas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 9, n. 20, out. 2003, p. 31-57.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo: razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 20. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011. 174 p.

SPINELLI JÚNIOR, Jayme; PEDERSOLI JUNIOR, José Luiz. **Biblioteca Nacional: plano de gerenciamento de riscos, salvaguarda e emergência**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2011. Disponível em:

<http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_obrasgerais/drg_plano_risco_por/drg_plano_risco_por.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2015.

ZANIRATO, Silvia Helena. Experiências de prevenção de riscos ao patrimônio cultural da humanidade. **Ambiente & Sociedade**, Campinas, SP, 2010, v. 13, n. 1, p. 151-164.